



Adaptação - Merendeiras da Escola Estadual do município de Fugueirão servem alimento nutritivo graças à horta criada no local

Banco de medula a procura de doadores

Em Mato Grosso do Sul o número de doadores cadastrados no Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (Redome) chega em torno de 47 mil. Apesar de parecer um número alto, poucos são compatíveis com quem aguarda a doação. Para aumentar a quantidade de

doações, o Hemosul tem feito campanhas de conscientização por meio de folhetos em empresas, igrejas, entre outros. A coordenadora do setor de medula óssea conta que o público alvo é o de pessoas que estão aguardando para doar sangue.

Pág.07

Foto: Viviane de Oliveira



Vida - Hemosul faz campanha para conscientizar a população

Escolas enfrentam desafio de alimentar com R\$ 0,22

Em 2008 as Escolas Estaduais de Mato Grosso do Sul terão R\$ 13 milhões para a merenda escolar. Parece muito, no entanto, fazendo as contas, os diretores das

unidades escolares vão ter que "fazer magia" para alimentar seus 295,3 mil estudantes com qualidade. É que por dia este montante significa apenas R\$ 0,22 para cada

aluno. Com tão pouco dinheiro repassado pelo Governo Federal, os responsáveis pela merenda nas escolas usam da criatividade para incrementar o cardá-

pio que acompanhado de perto por uma nutricionista da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul.

Pág. 16

Crianças com HIV pedem ajuda

As 28 crianças que vivem com AIDS ou com o vírus da doença e são assistidas no Lar administrado pela Associação Franciscana Angelinas (Afrangel) na Capital precisam da ajuda dos campo-grandenses. A entidade sobrevive das doações da comunidade e do trabalho solidário de voluntários. Os meninos e meninas atendidos no local são de famílias carentes.

Pág.08

Ginástica rítmica visa Olimpíadas

Professora de Ginástica Rítmica, Justina Pereira Gimenez pede a participação da comunidade em geral no Projeto Centro de Excelência Jovem Promessa da Ginástica, pois apenas 60% das 140 vagas disponíveis estão sendo utilizadas. A iniciativa ocorre no Sesc Camillo Boni, com aulas de segunda a sexta-feira no período matutino e vespertino, atendendo meninas na faixa etária de 5 aos 9 anos.

A Caixa Econômica Federal está financiando o projeto que tem como objetivo principal detectar jovens com forte potencial

al no esporte, visando o aperfeiçoamento da modalidade para se formar atletas com alto nível para representar o Brasil nas Olimpíadas.

Pág.11

História de verdade

Uma lei que entrou em vigor no início do ano passado pode significar um futuro com igualdade racial ou pelo menos com menor preconceito aos povos negros e indígenas. As escolas públicas e particulares de Mato Grosso do Sul estão se adaptando à obrigação de

ensinar aos seus estudantes do Ensino Fundamental e Médio a verdadeira relevância de negros e índios na História do Brasil. O conteúdo até então apenas exaltava a participação Europeia na construção da sociedade brasileira.

Pág. 13



Legislação - Conteúdo escolar obriga a falar de negros e índios

PANTANAL

Trem gera empregos e movimenta R\$ 2 mi

Os vagões do Trem do Pantanal que começaram a circular em Mato Grosso do Sul no último dia 8 de maio levam, além de passageiros, a expectativa de crescimento no mercado de trabalho em Mato Grosso do Sul e na movimentação econômica do setor comercial das

localidades por onde passa. Só na reforma das estações foram investidos cerca de R\$ 2 milhões e a circulação do trem entre as cidades de Campo Grande e Miranda já significou a criação de 230 postos de empregos diretos.

Pág. 05



Percorso - Trem vai de Campo Grande a Miranda

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Valeska Medeiros

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres

Foto: Edemir Rodrigues

Foto: Otávio Cavalcante

Foto: Laura Peres



Foto: Edemir Rodrigues

Entrevista - Rogério Harfouche, Promotor de Justiça e voluntário no Conselho Estadual Antidrogas (Cead), onde ocupa o cargo de Presidente

ENTREVISTA

Prevencão

O Conselho antidrogas tem o objetivo de prevenção e não de repressão

“O usuário precisa ser constrangido a se tratar”

Promotor de Justiça, Sérgio Harfouche atua também como voluntário no Conselho Estadual Anti-Drogas (Cead), onde ocupa o cargo de presidente, além de ser membro do Conselho Nacional.

Harfouche, dentro do Cead, defende que a nova lei anti-drogas, que completou dois anos em agosto, precisa ser revista por causa de brechas que acabaram favorecendo a atuação dos traficantes na sociedade.

Rogério Valdez

Em Foco: O senhor acaba de ser escolhido (Outubro 2008) para ficar mais dois anos na presidência do Cead. Fale um pouco do trabalho do Conselho e de como é feita a escolha de presidente.

Harfouche: É um processo eleitoral pelos próprios conselheiros. Até agora o presidente tem a oportunidade de ser reconduzido indefinidamente. Eu entendo que para que haja até oportunidade para novos conselheiros participem e como presidente inclusive eu propus que eu aceitaria ser reconduzido, mas seria para uma recondução só. E os dois próximos presidentes também, ainda que fossem reeleitos, seria por uma vez mais e uma recondução, sendo que o mandato é de dois anos, então isso daria a oportunidade de um exercício de até quatro anos. Este meu mandato vai até outubro de 2010, em que eu tenho a oportunidade de dar continuidade à este trabalho na presidência.

Em Foco: O trabalho do Cead aqui no Estado, explica para a gente como é feito.

Harfouche: Os Conselhos Estaduais Anti-Drogas, são o link do Conselho Nacional, que têm a orientação nacional das políticas públicas sobre drogas. Então aquilo que é decidido em âmbito federal, desce para os Estados pelos conselhos estaduais, que por sua vez, têm a missão de capilarizar, levar a cada município através dos seus conselhos municipais as políticas públicas sobre drogas. No nosso Estado nós temos apenas 20 municípios com Conselhos

Municipais e pretendemos, até o final do ano, pelo menos dobrar este número e alcançar mais 20 municípios e fazer isso a cada semestre até que completemos a totalidade dos nossos quase 80 municípios.

Em Foco: O Conselho trabalha no combate às drogas. É importante então atuar ali na área de fronteira, nesses nossos municípios da divisa com outros Estados e outros países, onde existem muitos casos de tráfico?

Harfouche: O trabalho primeiro dos conselhos é dentro da área da prevenção. O trabalho de repressão é típico das polícias. Não obstante, nós temos repre-

sentantes da polícia Federal, da polícia Civil, da polícia Militar, do Corpo de Bombeiros, que trabalham com a repressão, mas que também precisam do trabalho de prevenção que é executado por essas nossas políticas públicas. Então o trabalho do Conselho visa orientar, dentro do âmbito do Estado, a política pública estadual e, dentro do município, a política pública municipal. Apesar dos municípios pouco se envolverem com a questão, o consumo de drogas, o envolvimento de jovens com drogas, ocorre no município. O Estado é um ente abstrato para essa atividade. É lá no município que as coisas acontecem, que a vida do jovem se desenvolve, e isso inclui, inclusive, Campo Grande, já que o nosso Conselho Estadual é sediado aqui. Mas em Campo Grande como cidade e não como Capital do Estado que isso se dá. Para isso nós temos um trabalho imperado com o nosso Comad (Conselho Municipal Anti-Drogas). Então o Conselho Estadual, como órgão, como instituição, ele tem que se diluir no Estado, e é muito importante essa nossa interação com o Comad, com o Conselho Municipal, porque eles têm tarefas próprias, típicas para o Conselho Municipal e que deve ter o apoio do Conselho Estadual. Então o nosso desafio é levar a cada município do Estado a criação

de leis, a criação de seus conselhos municipais através de leis. É preciso que nos municípios todos saibam da importância de se votar essa lei, criar o conselho municipal e permitir que a sociedade local construa esse conselho com a participação dos seus integrantes, como conselheiros municipais.

Em Foco: Como o senhor avalia o trabalho de combate e prevenção ao uso de drogas aqui no Estado?

Harfouche: Com a nova lei a prevenção se tornou mais relevante. Considerando que o antigo criminoso pelo uso de drogas se tornou um paciente. Hoje, apesar de ser crime consumir drogas ilícitas, esse consumo vem apoiado com a nova lei - 11.363, de 2006 - ela trouxe uma projeção muito maior para o campo da prevenção, no que diz respeito ao consumo, porém o Estado, o município, a união, não está aparelhada para a recepção dessa nova condição. Existe um investimento muito modesto nas comunidades terapêuticas, nos hospitais, nas clínicas de acolhimento. Além do que, existe aí um grande desafio, a lei, a meu ver, precisa ser reformada, mas ela colocou totalmente a escolha do dependente químico, a escolha de ser tratado ou não. Na minha opinião, é preciso que haja uma disciplina do consumo e do uso. Até constrangendo o usuário a se tratar, fazer com que ele queira se tratar. Porque uma coisa é eu constrangê-lo a querer se tratar, e outra coisa é eu deixar totalmente à disponibilidade dele querer se tratar. Ele não vai fazer. Desta forma, o usuário deve ser obrigado a se tratar, porque ele faz parte do problema. Se nós não tivéssemos o consumidor de drogas, nós não teríamos o tráfico de drogas, só tem traficante porque tem quem compre. Essa pessoa pode comprar a droga, pode destruir a vida dela, a família dela, a sociedade e ele não tem nenhuma contraprestação? Isso, na minha opinião, está errado. Eu não sou favorável a tratar o usuário como um criminoso, como era antigamente, mas ele precisa ser constrangido a se tratar. As autoridades hoje têm pouco a fazer, porque infelizmente não vai dar nada, só uma advertência. Se o juiz obrigar ele a tratar, o usuário trata se quiser, é claro que depois ele pode responder pelo crime de desobediência, ele pode, caso venha a usar novamente, ser enquadrado como reincidente. Então eu penso que deve ser deixado de lado essa hipocrisia de direitos humanos para o usuário de drogas, enquanto eu estou afundando ele cada vez mais. Eu me preocupo com o cidadão, eu sou um cidadão, eu me preocupo com os direitos humanos, porque isso também me afeta. Eu como cidadão preciso ter os meus direitos garantidos como pessoa, mas no caso do dependente químico, ele precisa querer se tratar. Este é o grande problema que deve ser combatido. E o Estado deve ser compelido a criar leis para tratamento eficaz, para tratamento de desintoxicação, para tratamento inclusivo de ressocialização do usuário, para que nós tenhamos utilidades nesta lei, senão ela perde o seu valor, porque enquanto eu dou ao usuário a oportunidade de tratamento como um paciente eu não obrigo o Estado a se equipar, então na verdade eu estou promovendo o uso de drogas. Isso só favorece uma classe da sociedade, que é o traficante.

Em Foco: Então o que precisa ser mudado na lei para que ela seja eficaz?

Harfouche: Com pesquisas os técnicos do nosso conselho chegaram a conclusão de que o tráfico de drogas aumentou 30%, favorecido pela nova lei anti-drogas que completou, em agosto, dois anos de existência. O número de apreensões de usuários praticamente desapareceu, não é porque não existe o uso, é porque a polícia não prende mais, não vai acontecer nada, no máximo o usuário vai assinar uma advertência. Na minha opinião, nós devemos devolver ao Congresso Nacional a urgente oportunidade de rever a lei para que o juiz possa obrigar o de-



Etapas - O presidente do conselho explica que as polícias realizam o trabalho de repressão às drogas



APRESENTAM:

06 JUN

Estacionamento
Bloco A

Festa Junina

UCDB



MUNHOZ & MARIANO

JEANN & JULIO

Victor & Vinicius

Ingressos: R\$ 10,00
meia
antecipados
e limitados

Apoio:



Postos de venda:

ingresso fácil

Shopping Campo Grande - 2º piso

Em frente à Riachuelo



GUGU
LANCHES

Informações: 3341 0134

Realização: Eduardo Maluf, Leandro Lima e UCDB



Economia - Com a volta do Trem do Pantanal, os campo-grandenses têm a oportunidade de reviver, aproveitar e incentivar o turismo e a economia do Estado de Mato Grosso do Sul

Turismo

Comboio de boas oportunidades é a designação do governo do Estado para o Trem do Pantanal

A Volta do Velho Trem de MS

Caroline Maldonado

“Um comboio de boas oportunidades” é a designação do Governo para o projeto proposto pelo deputado estadual Antonio Carlos Arroyo, que tem a finalidade de ampliar o turismo em Mato Grosso do Sul e possibilitar o crescimento econômico do Estado com a criação do Trem do Pantanal, inaugurado no início deste mês. A expectativa, é de que além dos empregos diretos sejam criadas vagas no comércio e serviços das localidades por onde o trem passa.

Segundo o gerente de operações da América Latina Logística, concessionária de cargas, Gerson Fabiano Almeida, o Trem do Pantanal já gerou 230 empregos diretos e quatro mil vagas indiretas no comércio regional.

“A circulação do trem abrange e beneficia 25 setores da economia, entre prestadores de serviços turísticos, venda de artesanatos; em especial o indígena, a comercialização de produtos da agricultura familiar; dos atrativos naturais; histórico-culturais e comércio, em geral”, disse Gerson. Segundo o diretor comercial da Serra Verde Express, empresa que gerenciou o projeto de instalação do trem, Adonai Aires Filho, a prioridade é empregar os moradores da região. “Estamos capacitando os moradores

para ocupar as vagas de emprego”, sustentou.

Para o trem voltar a circular foram empregados cerca de R\$ 2 milhões na reforma das estações, conforme informações da diretora presidente da Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul, Nilde Brun. “O governo do Estado, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Ministério do Turismo investiram para reformar as estações”, contou. As melhorias e manutenção nos trilhos ficaram por conta da concessionária de cargas América Latina Logística S. A. (ALL). A empresa investiu R\$ 12 milhões no trecho de 220 quilômetros de ferrovia, entre o Distrito Industrial em Campo Grande e Miranda.

Roteiro

O sul-mato-grossense que tem pelo menos 19 anos, certamente se lembra do antigo trem de passageiros que circulava por MS. Esta lembrança agora está associada ao Trem do Pantanal, inaugurado pelo Governo do Estado em oito de maio, que trafega com cinco vagões. No entanto, o novo trem, diferente daquele da década de 30, realiza apenas passeios turísticos.

Todos os fins de semana o trem leva mais de 200 turistas para conhecer parte do Pantanal sul-mato-grossense, a partir de um roteiro, no qual sai

de Campo Grande, na manhã de sábado e faz parada no distrito de Piraputanga para embarque e desembarque. Em seguida, para em Aquidauana para o almoço e depois de chegar ao município de Miranda, no qual os turistas podem visitar as aldeias dos índios Kadiwéu e comprar artesanato. Passa também pelos distritos de Palmeiras, Camisão, Taunay e Duque Estrada.

Segundo Adonai, durante quase dois anos foram estudadas as possibilidades do roteiro turístico. “Muitos queriam que a saída do trem fosse em Corumbá, porém nós pensamos na estrutura que a cidade deve oferecer, já que, logo mais, com a frota completa de vagões o trem terá capacidade para 476 pessoas. Os vôos só chegam aos aeroportos do Estado na noite de sexta-feira e essas pessoas têm que dormir na cidade até a manhã de sábado, quando sai o trem, por isso é que optamos pela saída do trem em Campo Grande”, explicou.

As passagens do trem podem ser compradas na agência BWT, que fica na Rua Jeribá, nº 485, no bairro Chácara Cachoeira. A passagem da categoria econômica (sem serviço de bordo) custa R\$ 39,00 na categoria turística (serviço de bordo com lanche, refrigerante e comissário) sai por R\$ 77,00 e na categoria executiva e camarote (serviço

de bordo com lanche, refrigerante, cerveja e comissão bilíngue), por R\$ 126,00.

O trem tem também um restaurante, que serve todos a bordo e a previsão da Serra Verde Express é de que serão incorporados ao trem mais quatro vagões que ainda estão em reforma. Em Audiência Pública, no dia 16 de abril, Adonai contou ainda, que o compromisso da empresa com o Governo do Estado é estender a rota turística até Corumbá. Na inauguração do trem, o Governador André Puccinelli confirmou. “O trem irá até Corumbá, ainda no primeiro semestre de 2010”.

História

O antigo trem deixou de circular pelo centro de Campo Grande, quando o então prefeito André Puccinelli concluiu o contorno ferroviário. Na época, a Prefeitura de Campo Grande fez permuta, ficando de posse de terreno e patrimônio predial da antiga Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) e, em troca, construiu o terminal de transbordo no Indubrasil.

A estação ferroviária do Indubrasil substituiu a antiga, localizada no centro de Campo Grande, que foi inaugurada em 1936, sob responsabilidade da empresa Noroeste do Brasil (NOB). Após a privatização, no início da dé-

cada de 90, o transporte de passageiros foi suspenso. A distância entre a nova estação e o centro da cidade preocupou alguns “amantes da ferrovia” de Campo Grande. A fim de solucionar o problema a BWT informou, antes do fechamento deste jornal, que negociava para oferecer um serviço de transporte do centro da Capital até a estação.

Ao que parece o projeto só deixou descontentes alguns moradores dos distritos, nos quais o trem não vai fazer parada. “Eu pensei que o trem fosse parar aqui também. Ia ser muito bom, ia trazer o crescimento econômico, mas fiquei desapontado ao saber que ele só vai passar por aqui”, lamentou o morador do distrito de Palmeiras, Domingos Dias Marques.

Um dia após a inauguração do Trem do Pantanal, Alberto Antonio de Oliveira, de 73 anos, saiu do bairro Santo Amaro, onde mora apenas para ver o trem na Estação Ferroviária de Indubrasil. Para surpresa dele o trem não estava lá, havia partido para Aquidauana e, segundo o segurança da estação, voltaria por volta das 12h. A espera o fez lembrar os tempos em que circulava o antigo trem. “Sou do tempo da Maria Fumaça. Viajei muito de trem, sempre encontrava conhecidos e fazia amigos durante a viagem. Não tem nada como viajar de trem”,

lembrou saudoso sentido no chão da estação após 1h de espera.

Criado na fazenda, ele revelou não conhecer as divisas do Estado, mas garantiu que boa parte da história de Campo Grande e das outras cidades mais antigas está

sobre os trilhos. “O veterano que viu e usou o trem conta melhor do que os livros a história”, assegurou. Alberto e Domingos são alguns dos tantos que vêm na inauguração do Trem do Pantanal um recomeço das alegrias que o antigo trem trouxe à Mato Grosso do Sul.

No entanto, têm esperanças de que o Governo do Estado deixe este trem mais parecido com o antigo, permitindo a parada em todas as cidades e distritos pelos quais passar. “Se for preciso faremos um abaixo-assinado e tenho certeza que o trem será como antes”, afirmou confiante.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Thierre Monaco

- Viviane Oliveira



Pela estabilidade profissional acadêmicos encaram a dupla jornada

Jovens enfrentam desafios do dia-a-dia

Mirian de Araujo

Trabalho e estudo, conciliar essas duas atividades é muito difícil, mas na esperança de conquistar o tão sonhado diploma, jovens decidem enfrentar essa jornada dupla.

Muitas vezes, esses trabalhadores ingressam no mercado de trabalho para custear os próprios estudos, já que a dificuldade em ingressar em uma universidade pública leva muitos estudantes às faculdades particulares, é o caso da acadêmica de Administração Ana Rocha, de 17 anos, atendente de *callcenter*. “Trabalho para pagar meus estudos, além disso, é muito difícil não ter tempo para estudar. Os finais de semana que eram para descansar, tive que substituir por estudo, senão não dou conta”, relata.

O estudante de Ciências Sociais, Bruno de Oliveira, de 21 anos, trabalha de terça a do-



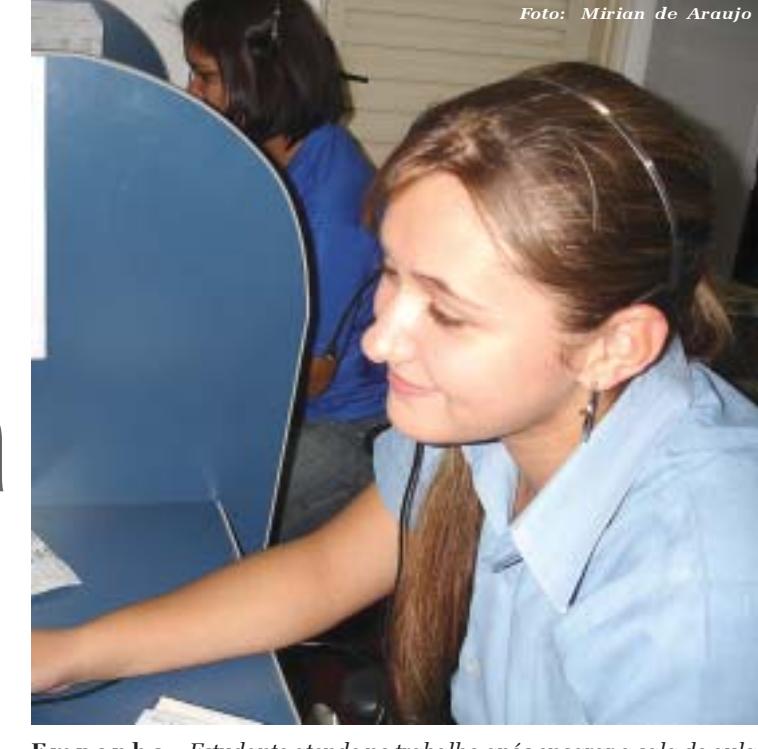
Adaptação - Psicóloga explica que a fase mais difícil é o início onde o aluno se adequa ao ritmo

mingo como garçom em uma choperia e ainda encontra tempo para freqüentar as aulas no período vespertino. “A maior dificuldade em trabalhar e estudar é o horário que saio do serviço, que é sempre em torno de 2 horas da ma-

nhã nos dias de semana e, às vezes, às 4 horas no final de semana. Não tenho tempo para estudar, porque de manhã eu tenho que descansar, acordo na hora do almoço para ir para a faculdade”.

A estudante do Educação

de Jovens e Adultos (EJA) Cristina de Souza, de 40 anos, trabalha como auxiliar de serviços gerais, de segunda a segunda. “Não tenho tempo para estudar, trago o material da escola para estudar no trabalho, na hora do almoço,



Empenho - Estudante atende no trabalho após encarar a sala de aula

mas a maior dificuldade não é essa, é chegar à sala de aula à noite e ter que estudar, quando o corpo não aguenta mais. O cansaço é enorme, ainda mais, quando lembro que tenho que acordar às 5 horas da manhã do outro dia,” recorda.

Rotina

A psicóloga Sonia Cotrin diz que a maior dificuldade dessas pessoas é adaptação. “Tudo no início é difícil, durante a fase adaptação, o rendimento cai, tanto no trabalho quanto na escola, ocorre um cansaço físico e mental, o aluno ou funcionário vai se desgastando, mas com o tempo o corpo se adapta à essa nova rotina”, finaliza.

As especialistas esclarecem que “o aluno começa sentir indícios de stress, cansaço, não consegue se concentrar nas aulas. É necessário um esforço muito grande para continuar, muitos desiste, porque não suportam”, conclui.

Esforço

Bruno de Oliveira relata também que o desgaste é muito grande e isso o impede de estudar nas poucas horas vagas que sobram, sendo que já deixou de fazer vários trabalhos por não sobrar tempo. “Antes estudava no ônibus, agora não dá mais por que vou trabalhar de moto, caso contrário, não chego no horário, isso levando em consideração que saio antes do fim da aula”, relata.

Mas além desse cansaço, o estudante, que enfrenta dupla jornada, adquire maturidade muito cedo, segundo a auxiliar de serviços gerais Cristina. “Eu me cobro mais, por que ao contrário dos outros colegas de sala, eu não tenho tempo para estudar como eles”. A estudante explica que em muitos domingos da folga, saiu de casa para estudar na biblioteca do Horto Florestal.

PM: dividindo para aumentar

Tatyane Santinoni

As palavras segurança, vida, preservação, lei, convivência e harmonia são as prioridades de quem trabalha em função do bem-estar da sociedade: a Polícia Militar e suas Companhias. Segundo o comandante geral da Polícia Metropolitana, Coronel Oscar Rodrigues, o trabalho é desempenhado por 1,2 mil policiais em Campo Grande e região.

“Conforme a demanda, vamos determinando o tipo de operação e o setor responsável por ela, e assim intensificando o policiamento em determinada área”, afirma o Coronel.

Embora parte da população desconheça, a atuação da PM é dividida em especificações. Em Campo Grande, a unidade responsável pelo patrulhamento de segurança pública é o Comando Geral, que engloba três batalhões – Primeiro, Nono e Décimo, a Companhia de Trânsito, a Companhia de Guarda e Escolta – que atua em sistema carcerário, e a Companhia de Operações Especiais (CIGCOE).

Entre as principais operações desenvolvidas pela PM, estão a Ciclone, a qual se utiliza de dez motos e uma viatura, e cada batalhão possui a sua. Este tipo de operação é específica para monitorar a segurança da população em locais que estejam fora do padrão. Há também as operações de policiamento de trânsito, que servem para detectar irregularidades nos veículos e motoristas que circulam no centro da cidade, e responsável ainda, pela aplicação da Lei Seca, multando e apreendendo o veículo do condutor que estiver alcoo-

lizado e não passar no teste do bafômetro – que ao todo já são oito na Capital.

Operações Especiais

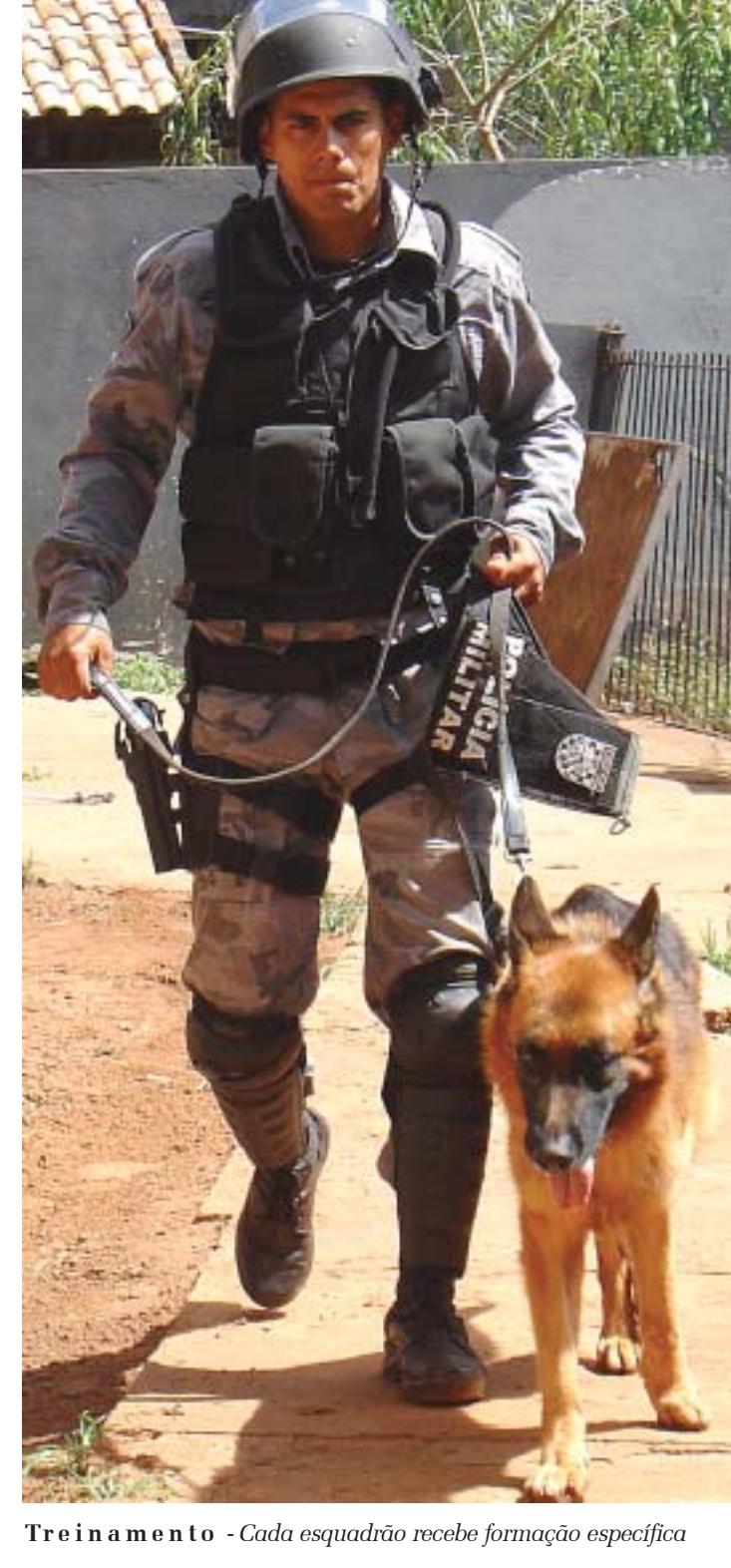
Existe há cinco anos em Campo Grande o setor responsável pelas operações especiais, a Companhia Independente de Gerenciamento de Crises e Operações Especiais (CIGCOE). Segundo o sub-comandante da companhia, Major Silva Neto, a corporação opera em casos de situações mais específicas e momentos de crise, como rebeliões prisionais, assaltos com reféns, seqüestros, entre outros.

O responsável pela Inteligência e relações públicas, capitão Franco Allan Amorim, informou que a unidade atende ocorrências críticas, com atuação de grupos especializados. “Para o complemento das operações temos quatro sub-unidades e já foram quinze operações só este ano, tem ainda um grupo de negociadores, que existe há três anos e age em casos de suicídio ou assalto com reféns”.

Participam do grupo 100 homens e cinco mulheres. “São poucas as mulheres, pois a maioria das provas é de resistência e há raríssimas exceções em que elas vencem estas provas e conseguem passar”, afirma Franco Allan.

Para o auxílio de algumas operações existem os 25 cães adestrados que ficam no canil da CIGCOE à espera de um chamado para uma missão especial. Entre eles estão as raças Pastor Alemão, Labrador e Rotweller. O trabalho deles é de policiamento, farejo de entorpecentes e de explosivos. “É preciso mais de um ano de treinamento para saírem bem preparados”, diz a soldada Anna Paula, que trabalha há um ano com o treinamento dos cães.

As quatro sub-unidades que compõe o CIGCOE são a Ronda Ostensiva Tática da Capital (Rotac), que tem como missão efetuar o patrulhamento tático nos locais de maior incidência de criminis-



Treinamento - Cada esquadrão recebe formação específica

lidade; Ronda Ostensiva com Cães Adestrados (Roca), com a missão de atuar em estabelecimentos prisionais, na busca de entorpecentes e na manifestação de caráter violento; age também em missões que envolvem drogas e foragidos. Outro grupo é o Choque, Grupo de Controle de Distúrbios Civis, atua em grandes eventos, reintegração de posse, manifestação vio-

Edição de títulos, legendas e fios

- Haryon Caetano

TRIBOS URBANAS

Diversidades culturais em CG

Edeusa Centurião

Emos, roqueiros, caipiras, entre outras, essas são as tribos do momento. Todos são jovens e o que querem é se destacar entre as outras pessoas, pelo seu modo de ser, falar e agir. Por isso, eles se encaixam em um grupo só deles e quase sempre enfrentam preconceito de quem não entende o porquê desses comportamentos.

Roupas quadrículadas, olhos pintados de preto, cabelos coloridos e, por serem bem emotivos, optam pela aparência triste e vivem sempre rodeados de seus amigos. Assim se identifica um jovem emo.

O jeito de falar também é diferente, falam como se fossem crianças. “As pessoas dizem que nós escrevemos tudo errado, por uma parte eu até concordo, mas é só um novo jeito de escrever na internet”, explica a estudante Gabriela Rezende, de 14 anos.

Em alguns casos os pais desses jovens não fazem idéia do que é essa tribo, como é o caso de Gabriela. “Minha mãe nem sabe o que é Emo e meu irmão não liga de eu ser assim”, explica a estudante.

As pessoas que têm preconceito, não escondem e às vezes falam coisas que ofendem. “Se não gosta da gente pelo menos respeitem, afinal preconceito é crime”, conclui a adolescente.

Sempre falando em voz alta, usando botina, camisa xadrez, calça apertada, assim se caracterizam os caipiras. Existem pessoas que se sentem incomodadas com essa tribo, como é o caso da universitária Gisele, 19 anos, que vai ter o nome preservado em função de

suas declarações. “Eles seguem uma moda que nem eles conhecem direito, quando moram em fazenda sim podem agir dessa forma, mas moram na cidade”, diz a jovem.

No entanto, alguns jovens dessa tribo não se abrem com esses comentários, como o estudante de Agronomia Raul Ruffo, de 16 anos. “Eles dizem que somos caipiras, que tó indo pra um rodeio, mas acho normal isso, levo na esportiva”, afirma o acadêmico.

Quando se diz a palavra roqueiro, já dá pra imaginar um jovem todo de preto, com cabelos compridos, coturno, mas na realidade não é sempre assim. Existem jovens dessa tribo que se vestem com roupas largas e nem sempre estão de preto, entre eles o universitário Rudney Ramos, de 19 anos. “Eu ando todo largado desse jeito, me chamam de até de mendigo, mas levo tudo na esportiva”, afirma.

Eles chamam a atenção por estarem sempre em grupos de muitos jovens e têm um vocabulário que às vezes só eles mesmos entendem.

Gírias usadas:

Emos:

Trociam “s” por “x”. Esse, essa, isso: Exe/exa, ixo. Você: voxé. Sua, seu, nosso: xua, xeu, noxo/ noxos ou noxoz.

Caipira:

Aôôô Tchetchênia: grito de felicidade. Fervo: festa. Prosíá: conversar. Vazá: ir embora. Pelúcia: menina bonita.

Roqueiros:

Broth: irmão. Sacou: Entendeu.

Apesar de possuir 47 mil doadores de medula no Registro Nacional é difícil encontrar pessoas compatíveis

Banco de medula pede doações

Viviane de Oliveira

Internado há mais de 40 dias na Santa Casa de Campo Grande, o policial rodoviário federal Anderson Sidrack, de 42 anos, contou com a solidariedade de desconhecidos para se recuperar. Ele recebeu quatro bolsas de sangue quando chegou ao hospital, após sofrer um acidente. Solidariedade que pulsa em suas veias há 22 anos. Tempo que ele é doador de sangue. Ele foi mais além quando doou, por duas vezes, a medula óssea. "Ajudar não custa nada e a possibilidade de servir é mais confortante e gratificante do que a de receber", argumentou.

E você, já pensou em fazer parte do Cadastro Nacional de Doadores de Medula Óssea? Em Mato Grosso do Sul o número de doadores cadastrados no Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (Redome) chega em torno de 47 mil. Apesar de parecer um número alto, poucos são compatíveis com quem aguarda a doação.

É muito improvável que um portador de leucemia encontre mais de um doador compatível. "Eu costumo dizer que cada um de nós é compatível com alguém, só não sabemos se esse alguém já está esperando no banco de dados ou se ele é saudável hoje e irá precisar de você amanhã. O ideal é cadastrar-se. Se nin-



Doação - Para entrar no cadastro nacional de medula óssea é necessária a coleta de apenas 5 milímetros de sangue

guém te liga, é sinal de que essa pessoa que você é compatível está saudável", afirmou a responsável pelo setor de doação de medula óssea do Hemosul de Campo Grande,

Lucéia Maria Fernandes.

Rede

São necessários mais cadastrados para aumentar a probabilidade de se encontrar al-

guém compatível. Não existem bancos de dados estaduais. Todos os Estados que realizam o cadastro são inseridos no mesmo banco nacional de dados, que é gerenciado pelo Institu-

to Nacional do Câncer (Inca).

Como as informações são únicas, pode acontecer de um doador ser daqui e o receptor ser de outro município do país. Neste caso todas as des-

pesas são pagas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), desde os exames até a viagem com um acompanhante para realizar a cirurgia.

O doador só tem que concordar e estar disponível. "Eu já era doador de sangue há sete anos. Depois de nove meses que fiz o cadastro no Redome, fui informado que era compatível com alguém. Não pensei duas vezes em fazer a doação, o importante é salvar uma vida", contou Edmar Macedo, de 31 anos, que viajou a São Paulo para fazer a doação.

Voluntários

Para aumentar o número de doadores no Estado, o Hemosul faz campanhas de conscientização, por meio de folhetos, de palestras em empresas, igrejas, entre outros. "Nosso público alvo aqui no banco são as pessoas que estão nos corredores para doar sangue. Enquanto ele está ali esperando, nós passamos e os convidamos. Entregamos folheto informativo e explicamos como funciona a doação", disse Lucéia.

Anderson Sidrack é um dos colaboradores das campanhas, contando sobre sua experiência com a doação. "Sempre quando posso acompanho a equipe do Hemosul, eu virei uma espécie de garoto propaganda", contou.

A oficial penitenciária aposentada, Jane Moura da Rosa Lima, 45 anos, recebeu o transplante de medula óssea em agosto de 2004, a irmã foi compatível. Mas ela fala da importância das pessoas se cadastrarem no Redome. "Têm que doar, ajudar, eu peço que as pessoas doem, porque não dói nada e é a única forma de salvar alguém", desabafou.

GERAL

CAMPO GRANDE - MAIO DE 2009

EM FOCO

Doação de medula não traz riscos à saúde

Viviane de Oliveira

Muitas pessoas confundem medula óssea e medula espinhal. Devido a isso criou-se um mito de que a retirada da medula pode deixar a pessoa sem o movimento dos braços e das pernas. "É muito importante que a população entenda que a medula óssea são as células que produzem os com-

ponentes sanguíneos, que se encontram dentro do nosso osso, enquanto a medula espinhal está na coluna que é responsável pelos impulsos nervosos, ou seja, ela liga nosso cérebro ao restante do corpo. Então uma é distinta da outra", explicou Lucéia.

Ingressar

A doação não apresenta riscos à saúde do doador. A idade mínima é de 18 e a máxima de 55 anos. Retira-se menos de 10% da medula óssea que,

em poucas semanas, estará totalmente reconstruída.

A doação pode ser feita de

duas formas, a de punção em

centro cirúrgico sob anestesia

geral, na qual é feita a extra-

ção com uma agulha direto do

osso da bacia. A outra forma

é a de infiltração, na qual o

doador toma uma medicação

que enviará as células para a

corrente sanguínea. Em se-

guida um aparelho separa o

material da medula e devol-

ve o sangue ao doador. O

médico é que irá determinar



Solidariedade - Sidrack já doou medula óssea duas vezes

o melhor método para o paciente. Os interessados em se cadastrar podem procurar o

Hemosul, na Avenida Fernando Corrêa da Costa, 1304, em Campo Grande.

Falta de higiene causa infecção hospitalar

Jackeline Oliveira

Infecção hospitalar é qualquer tipo de infecção adquirida após a entrada do paciente em um hospital ou após a sua alta quando essa infecção estiver diretamente relacionada com a internação ou procedimento hospitalar, como, por exemplo, uma cirurgia.

"Eu sofri um acidente de moto e tive que ficar internada no H.U, quebrei o fêmur e levei muitos pontos, deveria sair do hospital em três semanas, fiquei quase dois meses lá, devido a uma infecção hospitalar", conta a dona de casa Maria de Fátima Soares, de 27 anos.

Para a enfermeira executora da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) do Hospital Universitário (HU) em Campo Grande, Cleudinéia Mello, de 46 anos, a infecção é esperada devido ao ambiente do hospital, onde muitas pessoas circulam, há o manuseio de vários materiais, mas que a infecção não é

normal e nem aceitável.

"A população vê como técnica mal feita ou como culpa do profissional da saúde", desabafa Cleudinéia. O nome infecção hospitalar não é mais usado, e sim a sigla IRAS (Infecção Relacionada a Assistência à Saúde), que deixa claro que a infecção não está relacionada a uma técnica mal feita.

Conforme a responsável pela Comissão de Controle do HU, variáveis como idade, alimentação e tempo de aparecimento dos sintomas, são alguns fatores que levam à infecção hospitalar, assim como o tipo de patologia também é influenciador para a aparição do problema. "O Hospital Universitário adota medidas imprescindíveis no combate à infecção hospitalar, tais como higienização das mãos sempre que atender ao telefone, trocar de luvas a cada paciente atendido, trocar de jaleco todos os dias, usar roupa hospitalar dentro do hospital, e principalmente o uso racional de medicamentos e saber exa-

tamente o antibiótico para combater a bactéria", explica Cleudinéia.

Maria de Fátima afirma que foi comunicada prontamente assim que identificaram o caso de infecção hospitalar. "A enfermeira veio e me contou que a febre que eu estava tendo era um sintoma de infecção e por isso eu iria ficar mais tempo no hospital".

A enfermeira Cleudinéia explica que quando acontece de um paciente ter infecção, o Hospital comunica a família ou o paciente. "Ele mesmo percebe que tem algo de errado, pois na maioria das vezes sente febre e fica mais tempo do que o necessário no hospital, aí nós trocamos o medicamento, temos que analisar o caso pois cada paciente é diferente do outro", explica Cleudinéia.

Fiscalização A Vigilância Sanitária liga para o setor de controle de infecção do hospital e comunica a visita, no dia marcado



Precariedade - Paciente fora do leito corre mais risco de contrair infecção hospitalar

o agente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) fiscaliza lavatórios de mãos, matérias descartáveis, entre outros. Tudo que não

está de acordo o hospital tem um prazo para se adaptar, aí

o agente volta e caso o hospital não se adaptou não recebe o alvará de licença sanitária para o funcionamento.

Para finalizar, Cleudinéia afirma que 80% dos casos de infecção hospitalar poderiam

ser evitados com a higienização das mãos.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Edeusa Centurião

- Valeska Medeiros

Lar atende crianças soropositivas

Ajudar a serviço da vida

Paula Vitorino

Doação e muito amor fazem parte da rotina no Lar das Crianças com HIV e Aids, administrado pela Associação Franciscana Angelinas (Afrangel) desde 1996, quando por iniciativa da Irmã Valeriana e autorização da Diocese a congregação assumiu o Lar.

Hoje, com 28 crianças sob os cuidados de três Irmãs, oito funcionários e a ajuda de voluntários e colaboradores, a entidade luta contra as dificuldades financeiras para se manter, sendo

que vive exclusivamente de doações. Mas isso não impede que o trabalho continue e que essas crianças recebam todo apoio e assistência que precisam.

As crianças assistidas pelo Lar são carentes e na maioria das vezes não têm uma estrutura familiar. "As que têm boa condição financeira sabem onde procurar o tratamento necessário. Nós procuramos atender as carentes. Mas em alguns casos vemos até crianças que teriam

condições financeiras, mas que não têm pais, uma família para cuidar desses filhos, que acabam ficando quase que abandonados", diz a atual responsável pela Instituição, Irmã Madalena Aparecida.

Acompanhamento, assistência médica e odontológica, psi-

cóloga, aulas de capoeira, música, informática, reforço escolar são alguns dos benefícios que o Lar oferece a essas crianças. "Elas fazem tudo aqui", conta a Irmã Madalena.

Às 5h e 30 min a van passa para pegá-las e às 18 horas é a hora de voltarem para suas casas. O carro leva para a escola, busca para o almoço e para as demais atividades ao longo da tarde. As crianças que não mo-

ram em Campo Grande dormem no local e nos fins de semana vão para suas cidades.

Amigos do Lar

O Lar conta com muitos amigos que ajudam a garantir que todas as necessidades das crianças sejam atendidas. São pessoas que dedicam uma tarde para brincar, dar um pouco de mimo aos que ainda precisam de colo, ensinar al-

guma arte, atividade. Pode ser um motorista para as horas de apuro (como levar ao médico) ou profissionais que dedicam algumas horas como dentistas, médicos e músicos. Francisco Batista, voluntário há seis anos, dedica algumas horas na quinta-feira para ensinar as crianças e as Irmãs e aspirantes a tocar algum instrumento.

Doações são sempre bem-

vindas. O casal de aposentados José Santa Bárbara, de 54 anos e Elizabete Santa Bárbara, de 52 anos conheceu o Lar quando foram fazer um retiro do Encontro de Casais com Cristo (ECC) no antigo seminário (que fica na frente) e as Irmãs cederam o estacionamento para os casais, então conheceram a Irmã Silvana, que até o fim do ano era a responsável pelo local, e o trabalho feito por elas. Um dos grupos do encontro decidiram ajudar a instituição e a pedido da Irmã Silvana, compraram chinelo para todas as crianças e brinquedos para doar. "É maravilhoso o trabalho feito aqui. Elas precisam muito de ajuda", diz Elizabete depois de conhecer pela primeira vez as crianças.

S.O.S

O Lar precisa urgentemente de uma fonoaudióloga e um trabalho de fisioterapia. "Nosso sonho é uma sala de fisioterapia aqui para as crianças", pede a Irmã.

A Irmã Madalena fala que as doações de que eles mais precisam são alimentos, vestuário e ajuda em dinheiro para cobrir as despesas mensais. "Temos os funcionários para pagar, as contas da casa e os remédios que são caros".

Qualquer pessoa que quiser ser um amigo do Lar, um voluntário, fazer qualquer tipo de doação, é só ir até a rua do Seminário, 2.170, Jardim Seminário ou ligar para o telefone: 33650590. As doações em dinheiro podem ser feitas na agência: 2959-9, conta: 2205198-8 do Banco do Brasil.

DIFÍCULDADE

"Elas não têm culpa de nascerem com o vírus"

Paula Vitorino

As crianças que possuem o vírus da Aids contraem de suas mães soro positivo pelo parto normal ou pela amamentação. Essas formas são consideradas as de maior risco de contaminação. Mas mesmo as que não tiveram nenhum desses contatos são tidas como propensas ao vírus, tendo de ser acompanhadas e receber cuidados com alimentação e medicamentos para prevenção e negativação do HIV.

No Lar, das Crianças com HIV apenas os meninos e meninas maiores sabem que são porta-

dores do vírus e que vão tomar remédios para a vida toda. Alguns reagem de maneira tranquila, outros com mais dificuldade. As famílias das crianças do Lar são orientadas e preparadas para contar a eles sobre o vírus. "É importante que as crianças fiquem sabendo pela família, porque é sempre pior vindo de alguém de fora. Eles começam a crescer, ir para a escola e acabam se perguntando o porquê dos remédios. Se ninguém conta, alguém de fora vai acabar falando alguma coisa, aí é pior. Muitos não têm nem uma família construída ou os pais não querem contar, aí então com a psicóloga, nós conversamos com eles e explicamos", orienta a Irmã Madalena.

Entre as crianças do Lar, a mais nova é uma menininha de sete meses que chegou ao local com apenas dois. "Já foram feitos dois exames para ver se ela é soro-positivo, os dois deram negativos, mas ainda falta fazer mais um exame quando ela tiver com um aninho e meio, se nesse o vírus não aparecer como positivo, a menina pode levar sua vida normal fora do Lar. É por

Muitas crianças têm dificuldades para ler, escrever, falar. O vírus ataca principalmente os olhos, os ouvidos e as pernas, explica a Irmã. "Elas precisam de fonoaudióloga para ajudar nas dificuldades de comunicação e também de exercícios e fisioterapia para não com-



Fé - As crianças do Lar recebem apoio psicológico e espiritual

prometer as funções motoras", complementa.

A Irmã diz que os remédios que existem no Brasil são com fórmulas para os adultos, por isso elas têm de levar os remédios para serem manipulados na dose

certa para as crianças. "Em geral o governo se preocupa com os adultos, mas e as crianças, onde ficam? Elas são as que mais precisam de amparo, não têm culpa de terem nascido com esse vírus", alerta a Irmã.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Leonardo Amorim
- Teresa de Barros

blog da agência + comunicação.

Publicidade sempre em notícia.

www.agenciamaiscomunicacao.blogspot.com

acesse

